

CLARICE LISPECTOR AOS POUÇOS

Clarice Lispector Slowly

Rodrigo Costa Araújo

Clarice Lispector: a transcendental visão do cotidiano (2016), Meccenas Editorial, com 336 páginas, - é a 11ª edição da Coleção Dicionários, que privilegiou grandes autores brasileiros e, pela primeira vez, prestígia a escritora Clarice Lispector (1920-1977). Não por acaso uma das maiores escritoras do Brasil e das que tem grande representatividade internacional.

Tudo no dicionário comprova, afinal, que a memória é, por definição, de uma só vez, impossível e necessária, não por recuperar uma identidade literária que nunca existiu em sua pureza, mas por fazer emergir o dado particular da existência, a irrepresentável singularidade, reproduzível apenas com a ajuda de fotos, ensaios e frases, que são, necessariamente, rastros e vestígios divisíveis, divididos e, portanto, compartilháveis com leitores singulares.

Na apresentação, o poeta, editor e escritor Luiz Coronel ressalta que a *Coleção Dicionários* é um dos projetos editoriais mais consistentes do Rio Grande do Sul, e escreve sobre a importância de apresentar uma “senhora escritora” pela primeira vez na coleção, e de como a ficcionista - ucraniana de nascimento e naturalizada brasileira - representou a alma do Brasil com uma visão sensível e transcendental do cotidiano.

O volume apresenta ensaios de grandes especialistas, jornalistas, poetas e escritores que escrevem ou pesquisam a escritora, tais como Regina Zilberman, Sérgio Borja, Ruben Daniel Castiglioni, Affonso Romano de Sant’Anna, Flávio Aguiar, Benjamin Abdala Junior, Maria da Glória Bordini, Antônio Hohlfeldt, José Eduardo Degrazia, Lucia Helena, Jane Tutikian, Romar Beling, Leandro Zanetti Lara, Jaime Vaz Brasil, Débora Mutter, Nelson H. Vieira, Sergius Gonzaga, Adriana Carina Camacho Alvarez, Gustavo Henrique Rückert e, ao final, um belíssimo poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado *Visão de Clarice Lispector*, publicado em 1973, em *Discurso de primavera e algumas sombras*. Os textos, de certa forma, abrem os verbetes em ordem alfabética e tratam da vida e da obra da autora e seus percursos no Brasil e em outros países do exterior.

Os variados verbetes, baseados nas crônicas, contos, novelas e romances de Clarice Lispector revelam aos leitores a grandeza de uma es-

Rodrigo da Costa Araújo

Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Ex-Coordenador Pedagógico do Curso de Letras da Fafima, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/ CNPq. E-mail: rodricoara@uol.com.br

critora que considerava que toda palavra tem a sua sombra e que o que escrevia era uma névoa úmida. “Estou na vida fotografando o sonho”; “Eu como escritor espalho sementes”; “Não se escreve para a literatura, escreve-se para cobrir um vazio, vencer a descontinuidade”; afirmou a autora de obras significativas como *A Maçã no Escuro*; *Laços de Família*; *Perto do Coração Selvagem*, entre outras.

As citações colhidas para os verbetes exploram, de certa forma, todos os gêneros textuais experimentados por Clarice e fazem parte do seu projeto literário. Eles, semelhante suas crônicas, em particular, tornam-se textos fundamentais, na medida em que ensaiam teorizações e levantam dados extremamente importantes para a compreensão do seu projeto artístico, bem como dos seus interlocutores ou personalidades de sua geração.

Não é casual que outra forma de expressão seja a pluralidade desses fragmentos (agora em verbetes), pois a individualidade é, antes de tudo, a da multiplicidade que é inerente ao gênero. Mas esse modo plural de ler Clarice, ou mesmo divulgar sua poética, é o modo pelo qual o fragmento visa, indica e de certo modo, põe o singular da sua totalidade. Pluralizar Clarice é, nesse caso, pôr o texto ficcional em processo de dissolução das confrontações e dos paradigmas, de tal modo que o sentido, a partir dessas pluralidades, não ficará preso a nenhuma tipologia.

A obra, com encadernação de luxo e capa dura,, impressa em papel couchê com brilho, sobrecapa e caixa, fotografias em cores e em preto e branco, construída com cuidados editoriais especiais, teve o apoio da Lei de Incentivo à Cultura - Ministério da Cultura e trabalho delicadíssimo de seleção dos pesquisadores e leitores da escritora. Ela, já confirma, de alguma forma, o que os leitores de Clarice já esperavam: o leitor de sua ficção deve preparar-se para preencher adequadamente as lacunas textuais e acompanhar a advertência, como em “A possíveis leitores”, da própria ficcionista, em *A Paixão segundo GH*, que define seus leitores, como aqueles que têm a “alma já formada” e compartilham da aproximação penosa com texto.

Clarice Lispector: a transcendental visão do cotidiano confirma o que a própria escritora já creditava à sua própria natureza fragmentária: “Eu não tenho enredo. Sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos” (Borelli, 1981, p. 15) e brinda aos seus leitores com o que eles já sabiam quando ela realizava para a construção dos seus textos, quando manipulava, estrategicamente, capítulos dentro de uma obra, contos dentro de uma coletânea, ou ainda de algum fragmento uma obra dentro da Obra. Com os verbetes, igualmente, sua totalidade pode ser bem a fração, e toda fração a bem dizer totalidade.

REFERÊNCIAS

- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- LISPECTOR, Clarice. *Dicionário Clarice Lispector, a transcendental visão do cotidiano*. Porto Alegre: Mecenaz, 2016. 336 p.